

A vida por um fio viral: emoções e afetos no cotidiano fotografado por jovens estudantes

Paulo Cesar Rodrigues Carrano

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense/UFF
Pesquisador Produtividade 2 - CNPq
Doutor em Educação

Daniela Abreu Matos

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Doutora em Comunicação Social

Ana Paula da Silva

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense/UFF
Doutoranda em Educação - UFF

Resumo: O artigo trata de um recorte de pesquisa que utiliza dispositivo fotográfico reflexivo para compreender processos de individuação de jovens estudantes universitários. Buscou-se compreender como jovens estudantes elaboram em seus cotidianos representações de emoções e afetos a partir de ensaios fotográficos e textos descritivo-narrativos. A base de análise refere-se a produções autorais de estudantes de um Curso de Pedagogia realizadas no primeiro ano (2020) da pandemia de Covid-19. A metodologia é de natureza qualitativa com acionamento da técnica de análise de conteúdo para categorização de um conjunto de 78 fotografias e análise dos textos e fotos produzidos por 38 estudantes. As narrativas revelam tensões entre a experiência do isolamento e a necessidade do encontro. O exercício de viver o cotidiano da pandemia foi marcado pelos encontros e afetos possíveis em cada situação vivida que caracterizou a complexidade do momento pandêmico, desorganizou rotinas, suspendeu relacionamentos e provocou a reconfiguração da ordem social no contexto de uma nova condição sensível.

Palavras-chave: Pandemia; Jovens; Cotidiano; Emoções.

LIFE BY A VIRAL THREAD: EMOTIONS AND AFFECTIONS IN EVERYDAY LIFE PHOTOGRAPHED BY YOUNG STUDENTS

Abstract: The article deals with part of the research that uses a reflective photographic device to understand the individuation processes of young college students. We sought to understand how young students elaborate representations of emotions and affections in their daily lives based on photographic essays and descriptive-narrative texts. The analysis base refers to the original production of students of a Pedagogy Course carried out in the first year (2020) of the COVID-19 pandemic. The methodology is of a qualitative nature, using the content analysis technique to categorize a set of 78 photographs and analyze the texts and photos produced by 38 students. The narratives reveal tensions between the experience of isolation and the need for encounters. The exercise of experiencing the daily life of the pandemic was marked by possible encounters and affections in each situation experienced, which characterized the complexity of the pandemic moment that disorganized routines, suspended relationships and provoked the reconfiguration of the social order in the context of a new sensitive condition.

Keywords: Pandemic; Young people; Everyday life; Emotions.

A pandemia de Covid-19 inaugurou um novo contexto social e institucional que alterou cotidianos e nos desafiou a reorganizar espaços, tempos, modos de agir e se relacionar. Ninguém dispunha de um roteiro preestabelecido para atuar nesse novo cenário de sociais, predominantemente experimentado em condições de isolamento social e com acréscimo de proximidade e intensificação de alguns relacionamentos, em especial, com familiares e/ou pessoas com quem divi-

dimos o espaço doméstico. O isolamento social representou uma experiência intergeracional traduzida pela transformação do espaço doméstico como lugar síntese dos múltiplos espaços sociais de trabalho, estudo, lazer e sociabilidade.

Diante do cotidiano estilhaçado pela pandemia, foi preciso reorganizar o tecido dos relacionamentos diante da inusitada situação que alterou a vida social. Em face do material subjetivo que nos foi apresentado

pela pesquisa, podemos dizer da variedade de formas de experimentação de relacionamentos e subjetividades articuladas na nova ordem cotidiana que se instaurou nas residências.

O material empírico analisado neste artigo faz parte do acervo da pesquisa “Juventude e Cultura Visual: cotidianos revelados em fotografias de jovens estudantes” (UFF/CNPq) que busca compreender cotidianos a partir das reflexões de estudantes universitários provocados com a seguinte questão: *Que história de seu cotidiano é possível contar em até 10 fotografias e um texto descritivo-analítico?*¹ O referido acervo já sistematizado e categorizado é constituído por 3.481 fotografias, produzidas entre 2012 e 2020 por 492 estudantes/fotógrafos. Todo esse acervo está organizado em álbuns digitais de duas maneiras: eixo individual, que preserva o ensaio integral de cada estudante, e eixo temático, a partir de categorias identificadas pela equipe da pesquisa. Embora não seja o objetivo detalhar aqui o conjunto total, podemos mencionar os eixos temáticos com maior recorrência ao longo da trajetória do projeto, tais como, Vida universitária, Mobilidade urbana, Tempo, Trabalho e Relações familiares.

Já o material produzido em 2020 – 51 ensaios que reúnem 308 fotografias e textos –, no contexto da pandemia de Covid-19, revela a mudança abrupta e inesperada vivida mundialmente, em lugar das fotografias enfatizando o ritmo acelerado imposto pelo deslocamento no espaço urbano, a vida no *campus* universitário e os diferentes locais de trabalho, os ensaios apresentaram intensamente o ambiente doméstico e suas novas múltiplas funções.

Tomando como referência o aporte metodológico da análise de conteúdo (BARDIN, 1979), todo o material produzido no contexto do primeiro ano da pandemia de Covid-19 foi interpretado pela equipe de pesquisadores, em dois movimentos articulados. O primeiro diz respeito ao eixo vertical de análise que se refere a sínteses interpretativas dos produtos textuais e fotográficos de cada uma das estudantes envolvidas. O segundo, horizontal, caracteriza-se pela busca de temas e categorias recorrentes que emergem das produções que compõem o acervo empírico da pesquisa. Esse segundo movimento dedutivo gerou a produção de quatro categorias de codificação, a partir das quais todo o acervo produzido em 2020 foi organizado. São elas: (1) Cuidado de si e com o outro; (2) Casa: trabalho, estudo e lazer; (3) Reflexões pandêmicas; e (4) Emoções e afetos.

A primeira categoria, “Cuidado de si e com o outro”, reúne 64 imagens que revelam principalmente a dimensão do cuidar, práticas de autocuidado, zelo por aqueles/as com quem estão dividindo o espaço de isolamento, assim como as práticas de prevenção a uma possível con-

taminação pelo vírus da Covid-19. Já a categoria “Casa: trabalho, estudo e lazer” articula 126 fotografias que demonstram como o ambiente doméstico precisou se reconfigurar para acolher multifunções, o trabalho *home-office*, o estudo remoto, os afazeres domésticos e as restritas possibilidades de diversão que precisaram dividir (e disputar) o mesmo espaço. A terceira categoria identificada como “Reflexões pandêmicas” é formada por 40 fotografias que se configuram como reflexões provocadas pela nova (e inesperada) experiência vivida principalmente quanto à gestão do momento presente articulando simultaneamente as dimensões de futuro e passado, entre inseguranças e busca de garantias.

Para a análise proposta neste artigo, destacamos o conjunto categorizado a partir do eixo “Emoções e afetos”, composto por 78 fotografias e respectivos textos narrativos produzidos por 38 jovens estudantes de Pedagogia (35 mulheres e 3 homens), com idades entre 20 e 30 anos.² Os ensaios foram elaborados entre os meses de julho e dezembro de 2020. Diante desse material empírico, tomamos a sociologia do cotidiano (CERTEAU, 1994; MARTINS, 2008) como orientação teórico-metodológica ao buscar compreender as representações fotográficas como narrativas que nos deram acesso a modos de vida, organizações de tempos e usos dos espaços no cotidiano modificado pela pandemia e as repercussões desse contexto nas subjetividades e sensibilidades juvenis.

A representação de emoções e afetos

Estudos mostram que, durante a pandemia de Covid-19, o isolamento social teve um impacto significativo na sociabilidade dos jovens, afetando a saúde mental e a qualidade das interações sociais (SILVA JÚNIOR *et al.*, 2020; JONES; MITRA; BHUIYAN, 2021; BRANJE; AMANDA, 2021). Muitos jovens sentiram solidão e isolamento, o que pode ter prejudicado suas habilidades sociais e emocionais. O aumento do tempo gasto em mídias sociais e jogos *on-line* também pode ter contribuído para esses efeitos negativos. Além disso, a restrição de atividades coletivas, como esportes, viagens e eventos públicos, pode ter afetado a capacidade dos jovens de resolver conflitos, cooperar e serem empáticos. Há evidências de aumento significativo de aspectos problemáticos da saúde mental, tais como solidão, distúrbios de sono, depressão e ansiedade entre os jovens durante o isolamento social. No entanto, algumas experiências foram positivas e alguns jovens conseguiram se adaptar bem ao isolamento social, descobrindo maneiras alternativas de se conectar e interagir.

Bernard Lahire (2003) em sua teoria de ator plural, considera a heterogeneidade e pluralidade de contextos de socialização que condicionam o agir, o pensar e o sentir

de cada agente social. No entanto, a pandemia representou uma diminuição mais ou menos drástica dessa heterogeneidade nos contatos sociais. E, ainda que possamos seguir falando de “atores plurais”, poderíamos dizer que a pandemia reduziu a diversidade de interações que é base dessa pluralização do sujeito. Nesse contexto, a proposição da atividade “Meu Cotidiano em Fotos” constituiu-se como estímulo para o exercício da reflexividade que desafiou os estudantes a tecer novos laços sociais, em especial, mediados pelas tecnologias de comunicação.

Essa experiência inédita no campo da saúde pública que foi a pandemia de Covid-19 alterou subjetividades e relacionamentos. A produção de emoções e afetos passou a ocorrer a partir das novas disposições de corpos em espaços redefinidos diante do fenômeno da pandemia e do isolamento social. Consideramos “emoção” como estado de ânimo diante dos outros, das circunstâncias e de si mesmo, e “afeto” como as trocas interpessoais e, também, com os animais e plantas, que se revelaram suportes significativos no contexto do isolamento social. Assim, buscamos perceber alterações e intensificações nos estados e nas relações subjetivas que foram reorganizados a partir da mudança nas ordens de interações e práticas relacionais.

Emoções, ainda que consideradas como uma realidade individual e corporal, são coletivas e inseparáveis de seus respectivos ambientes sociais, culturais e políticos (AGUILAR; VILLAGRÁN, 2013). Didi-Huberman (2016) também nos provoca a interrogar as emoções e propõe que possamos compreendê-las como um movimento de trânsito entre nós mesmos e o mundo, potencializando assim a dimensão coletiva da experiência vivida: “[...] as emoções, uma vez que são moções, movimentos, comoções são também transformações daqueles e daquelas que se emocionam”. (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 38).

Nesse sentido, percebemos que o contexto pandêmico, especialmente em seu primeiro ano, incidiu significativamente sobre as subjetividades e a produção de emoções e afetos a partir das novas disposições de corpos e espaços definidas diante do novo fenômeno. As subjetividades reveladas pelos estudantes devem ser compreendidas não como uma realidade em si, mas como recortes fotográficos de um “real” representificado (MENEZES, 2003) e traduzido de maneiras individuais – social e culturalmente referidas – de ver, agir e perceber o mundo.

A forma como construímos uma imagem ou produzimos a descrição sobre elas é carregada de informações que conduzem a interpretação de quem a fez, sua intenção, e a nossa, que está vendo e lendo, ambas baseadas nas experiências sociais, culturais e políticas de vida. Bus-

cando uma análise mais ampla de emoções e afetos expressos nos cotidianos fotografados e descritos pelos estudantes, procurou-se combinar uma perspectiva analítica complementar entre imagem e texto para ultrapassar a dicotomia que pode opor narrativa imagética e palavra. Para além do que é visto, há uma decodificação, e não exatamente uma documentação do cotidiano, tal como aponta Martins (2008) quando reflete que a fotografia é parte integrante da dramaturgia da vida cotidiana e é usada como um meio de representação social.

A vida por um fio viral: emoções e afetos na pandemia de Covid 19

A maioria das 78 fotografias e textos categorizados a partir das noções de “emoções” e “afetos” está associada às “relações afetivas”³ familiares (44 fotografias). Em seguida, está o conjunto que expressa partilhas com animais de estimação (20 fotografias) e um terceiro grupo no qual reunimos representações que acionam amigos, objetos de memória ou de fé e paisagens (14 fotografias).

Naquilo que se relaciona com as relações afetivas familiares, identificamos quatro eixos principais a partir dos quais o conjunto principal se articula: (1) familiares em geral (pais, mães, irmãos/ãs, avós/ôs); (2) crianças; (3) parceiros/as; e(4) alimento/refeição. No primeiro eixo, são 15 fotografias que trazem momentos ordinários do cotidiano: a irmã lavando louça, o pai abrindo as cortinas, o bolo de aniversário, a foto posada – “clássica” – de família, a mãe cozinhando, a avó acolhendo bichinho de estimação, o pai e a filha assistindo futebol (Fotografia 1) etc.

Essas são imagens prosaicas que representam o dia a dia compartilhado no espaço doméstico. As tensões que existem na convivência não aparecem de forma relevante, os afetos representados nas imagens explicitam carinho, ajuda mútua, solidariedade e, principalmente, o sentido da família como suporte.

Fotografia 1 - Futebol em Família



Fonte: Acervo da Pesquisa

Essa foto tem um valor muito especial para mim. Consigo enxergar os momentos que o Flamengo proporciona

para minha família. Assistir aos jogos faz parte da minha rotina, mas sem meu pai e a minha irmã ao meu lado nada disso importa. O Flamengo é uma demonstração de amor da minha família (B.C., mulher).⁴

As crianças estão muito presentes nessa constelação de afetos, são 13 fotografias nas quais são explicitados a maternagem, cuidados com os sobrinhos, afilhados ou filhos de amigas, que revelam momentos prazerosos do cotidiano, o “doce” do dia, segundo uma das estudantes, ao comentar a foto da sua filha.

A fotografia 4⁵ é a minha favorita dessa série de fotos que preparei, ela representa um dos meus momentos favoritos do dia, quando a L. (minha filha, que vai completar dois meses no próximo dia 5), fica acordada quietinha prestando atenção ao que há ao seu redor, eu aproveito pra conversar com ela, apresentar alguns brinquedos, coloco umas músicas, é o momento mais doce dos meus dias (B.S., mulher).⁶

As crianças também são mencionadas a partir da relação que se estabeleceu com o ensino e a escola durante a pandemia. Mães, irmãs, tias, madrinhas são agora responsáveis pela mediação do aprendizado em casa, e o fato de serem estudantes de Pedagogia acaba sendo mais um elemento nessa equação. Uma das alunas relata o acordo que fez com o irmão de cuidar e orientar a sobrinha, já que seu contrato foi suspenso na escola onde trabalhava. Agora, durante alguns turnos por semana, ela propõe atividades lúdicas e diz sentir ainda mais saudades da sala de aula: “Gostamos também de fazer fantasias com materiais recicláveis que encontramos em casa. Esses dias me lembram demais os meus dias na escola, me deixando com mais saudade da turma (Fotografia 2)”.

Em outra situação, a aluna relata que é a responsável pela supervisão das atividades escolares dos irmãos menores, que estão na educação infantil, porque seus pais têm uma rotina intensa de trabalho e, segundo eles mesmos, não levam muito jeito para essa função.

Nesse cenário relacional entre casa-escola ou casa-trabalho, os espaços da casa tornaram-se sala de aula. O tempo de ensinar e aprender se deu por meio da disposição dos materiais impressos ou disponíveis em plataformas digitais.

A figura do professor se materializou na tela do computador ou do celular, entre outros dispositivos móveis. A mediação do ensino por conta do próprio estudante ou de algum familiar ou pelas “explicadoras”⁷ foi traço marcante dos contextos educacionais nesse momento de isolamento social. Uma das marcas desse período foi a mistura entre o espaço privado e o espaço aberto de uso coletivo, em que o privado e íntimo passou a ter representação como se fosse público.

Santos e Vogel (1985), em etnografia sobre a apropriação de espaços coletivos em centro de bairro, desenvolveram o estudo *Quando a rua vira casa* e demonstram que a vida comunitária desenvolvida na impessoalidade, na individualização, na privacidade e no regulamento institucional e estatal da vida se transforma em fracasso e em dificuldades de se estabelecer em seu interior o que é público. Essa ambiguidade, no entanto, deveria ser evitada e dar lugar para a complementaridade contida nos ambientes. Parafraseando esses autores, durante a pandemia a rua não “vira casa”, porém, a casa viu-se feita de “rua” uma vez que penetraram no ambiente doméstico relações de trabalho, lazer e sociabilidade antes realizadas em espaços públicos compartilhados.

Fotografia 2 - Fantasias



Fonte: Acervo da pesquisa

Essa “substituição” atual do espaço escolar pelas “casas-escolas”, algo não novo levando em consideração as “explicadoras” de disciplinas escolares, deve ser visto e adotado com bastante cautela nos tempos atuais. Seu tratamento, com ressalvas, deve ser de complementaridade, em situação de excepcionalidade por causa da pandemia e não substituição pelo ensino doméstico ou domiciliar, como propõem os defensores do *homeschooling*.⁸ Contudo, como demonstrado pelas estudantes de Pedagogia, essas têm sido experiências de trocas, de relação com o saber, em um grau diferente do que a instituição escolar proporciona, mas que é indivisível da formação em Pedagogia e da vida social.

A dimensão da casa que se faz lugar de trabalho também é percebida nas fotografias. Em uma delas, pode-se

notar um cantinho da casa transformado em escritório que dispõe de uma mesa em L com *laptop* e teclado externo e uma impressora. Do outro lado, há um calendário de mesa, dois copos transformados em porta-canetas e, ao lado, dois bichinhos de pelúcia. Esse cantinho ainda tem uma cadeira preta de rodinha, na parede, um planejamento, e, abaixo da mesa, em um dos lados, algumas caixas que parecem arquivos

A autora da foto diz que passa a maior parte de seu tempo nesse lugar e que o computador se tornou um membro familiar. Declara que está vivendo um processo de ansiedade por causa do trabalho que tem que realizar, e que risca os dias no calendário na esperança de acelerar o tempo e cessar a rotina. Diz que, à sua frente, ficam as atividades diárias planejadas e que devem ser feitas dia após dia, registra ainda a presença das pelúcias e da cadeira como objetos significativos para a composição de ambiente híbrido casa-universidade-trabalho, “no canto direito dois copos com algumas ferramentas que utilizo diariamente com um pouco da minha personalidade com meus ursinhos de pelúcia e a cadeira. Incansáveis vezes me sinto presa buscando desesperadamente uma saída”. (T.S., mulher).⁹

No âmbito das relações afetivas, a representação de parceiros e relações amorosas é significativa. Temos oito fotos com maridos e/ou namorados/as que na maioria são apresentados/as como uma espécie de “porto seguro”, alguém importante para dividir o peso de estar vivendo a pandemia. Uma fotografia de mãos dadas opera como metáfora de ancoragem e segurança. São relacionamentos antigos que se fortaleceram nesse contexto e relacionamentos novos que começaram em meio a esse novo cotidiano.

Nesse conjunto de fotos e textos, os relacionamentos são apresentados de forma harmoniosa e funcionam como suporte para as tensões, dores e dificuldades do cotidiano pandêmico. Contudo, é importante ressaltar que não devemos generalizar para o conjunto da sociedade as representações reveladas nos ensaios elaborados pelas estudantes. Na medida em que essa não é uma realidade homogênea e que a experiência coletiva tem apontado, inclusive, para situação contrária. Desde os primeiros meses de isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19, registrou-se o aumento de casos de violência doméstica, tendo como principais vítimas mulheres e crianças (FBSP, 2020). Situação percebida em diversos países e não apenas no Brasil (FORNARI *et al.*, 2021).

Outras imagens que ganharam destaque no conjunto se referem aos alimentos ou que os representam (oito fotos): carne na panela, um prato de macarrão e queijo, o café da tarde, uma panela cheia de pipoca, um bolo de pote, uma caixa de pizza, uma xícara de café e ao fundo

uma cafeteira e sanduicheira, e, um almoço completo em cima do fogão contendo: feijão, arroz, salada e carne com batata e cenoura (Fotografia 3).

Fotografia 3 - Almoço completo



Fonte: Acervo da pesquisa

Momentos acontecidos com a família, seja com a ajuda de uma criança, seja pelo desafio de aprender a cozinhar para todos ou de pedir um lanche aos comerciantes locais. É uma oportunidade de estar junto que, segundo os registros textuais, há muito tempo não acontecia: momentos de alimentar-se bem, sentar-se à mesa, valorizar o estar em família, confraternizar, momentos de companhia, felicidade e alegria. “Sentar à mesa para almoçar com a família, quem diria? Fazia tempo que isso não acontecia”, o lado bom da pandemia, reconhece uma das estudantes. “Minha rotina antes da pandemia era muito corrida, saía de casa de manhã e só chegava à noite. Mal encontrava minha família” (J.L., mulher).¹⁰

As cenas captadas pelo instante fotográfico explicitam mais do que características ligadas à dimensão nutricional dos alimentos, o sentido de partilha e o cuidado de si e do outro são evidenciados. Há, desse modo, elaboração positiva em torno da relação entre a família e o alimento que é preparado em casa. Esse é um debate presente nos estudos antropológicos que articulam a alimentação e o ambiente doméstico. Canesqui (2005), a partir de diferentes eixos de análise, destaca a implementação de estratégias no âmbito doméstico em prol da garantia do alimento em situações de crise ou escassez. Um outro eixo dessa relação com alimentos pode ser representado pela fotografia que exhibe um amontoado de pacotes de doces, chocolates, balas de diversos tipos e biscoitos salgados que materializa, segundo a estudante, seu desespero e ansiedade causados pelo isolamento social. A escolha dessa imagem, contudo, já demonstra uma ação reflexiva a partir da situação vivenciada, o registro daquele ato e seu compartilhamento já o coloca em xeque, nas palavras da

aluna, e teria sido sua “primeira loucura” (Fotografia 4).

Fotografia 4 - Primeira Loucura



A partir de então veio o primeiro sentimento: desespero. Como vai ser esse isolamento? Será que vou conseguir lidar com toda essa ansiedade? Será que vou pegar essa doença? Eu não colocava a minha cabeça na janela por causa do medo, e fiz a minha primeira loucura de querer estocar comida e besteiras (C.T., mulher).¹¹

Em relação aos animais, os cachorros estão em dez fotos, os gatos aparecem em seguida em oito imagens e pássaros em duas fotografias desse subconjunto de 20 imagens.

Evidencia-se o fato da adoção de alguns deles no contexto da pandemia como uma estratégia de buscar conforto, afeto e companhia. Os registros, imagéticos e escritos, expressam o tempo de passeio, ida ao veterinário, banho, momentos de carinho, aconchego, diversão, felicidade, alegria em tempos de isolamento social, como sendo de troca recíproca de atenção e companheirismo. Uma das estudantes que têm gatos descreve seu sentimento e explicita a mudança em seu padrão de relacionamento com o bichinho (Fotografia 5).

Fotografia 5 - Amor de Bicho



Fonte: Acervo da Pesquisa

[...] meu amor por eles aumentou muito durante a quarentena, passei a prestar a atenção nos seus movimentos, incrível como eles se parecem com os seres humanos, o jeito que eles olham, quando estão em perigo eles se escondem entre as minhas pernas, quando estão carentes eles pedem carinho... é um amor de outro mundo (S.S., mulher, 2020).

Duas fotografias do conjunto analisado são representações sobre a fé e a religiosidade. Uma delas evidencia a intenção que busca imprimir significado à imagem. Trata-se de fotografia da Bíblia com capa bastante desgastada pelo uso e uma claridade em seu miolo – um feixe de luz estourada –, que parece dialogar com a descrição registrada pela fotógrafa de “busca pela espiritualidade para se aproximar de Deus e da sua palavra”. Isso fica evidente quando exprime que a leitura do livro que considera “sagrado” é sua busca para não se perder na angústia e ansiedade. Nessa perspectiva, compreende-se a intenção da composição fotográfica com a intensa luz sobre a Bíblia em um movimento que Martins (2008, p. 53) reconhece como sendo o de “desbanalizar o banal”.

O desafio fotográfico “Meu Cotidiano em Fotos” proposto como atividade da disciplina de graduação, referida anteriormente, foi acompanhado de indicações bibliográficas sobre a sociologia da vida cotidiana. Deu-se especial atenção aos escritos de José de Souza Martins que assinala a importância sociológica de se analisar e compreender a complexidade das práticas e interações cotidianas que corriqueiramente são vistas como comuns e sem importância. Martins (2008) argumenta que se compreende melhor a sociedade quando se busca olhar para além do que é óbvio e aparente examinando as formas sutis pelas quais as pessoas vivenciam e dão significado ao mundo que as circunda. Nesse sentido, pode-se dizer que a estudante, ao fotografar com intencionalidade a sua Bíblia de todos os dias, realizou sua própria “desbanalização do banal”. Dessa forma, amplia-se a reflexividade e torna-se possível olhar práticas e interações cotidianas como algo mais complexo e significativo do que aparenta, o que pode trazer novas perspectivas e entendimentos sobre a vida social.

A outra fotografia que expressa a dimensão da religiosidade é da ida ao culto, em um desses momentos da pandemia em que houve relaxamento do isolamento social e a reunião em igrejas foi autorizada pelo poder público. A imagem mostra um palco com canhões de luzes, meia parte de um telão e algumas pessoas em cima do altar – a estudante inseriu corações em cima dessas pessoas para preservar as identidades dos retratados. Ela descreve que as pessoas que fazem parte do culto são as mais importantes de seus dias e da vida. Atribui a Deus sua existência e saúde e que nada seria possível sem “Ele”:

“Graças ao meu Deus e no meu dia a dia, a minha fé em Jesus que me faz levantar e caminhar, sem desistir”.

A arte e a cultura foram retratadas em duas imagens. Na primeira, há imagem de um pequeno poema de Hilda Hilst, a partir de ilustração em preto e branco, em que a estudante comenta que “a arte existe porque a vida não basta”, em alusão ao poeta Ferreira Gullar, e acrescenta que a literatura e a música a ajudam lidar com o “excesso de real” que a pandemia trouxe e o sentimento diário de solidão.

A vida por um fio viral e a morte logo ali a todo instante, quando sequer consegui elaborar lutos antigos e enterrar meus mortos. Música e literatura lado a lado estão sendo a fruição que me sustenta. Seleccionei a foto porque o fragmento de poema nela reflete um sentimento muito forte que venho sentindo diariamente: a solidão (N. F., mulher).

A segunda imagem (Fotografia 6) é produzida com a intenção de deixar um amplo espaço de interpretação, nas palavras da estudante, para ser “percebida, sentida e discutida”. Ela é a fotografia de uma página composta por trechos de dois poemas (O Outro, de Carlos Drummond de Andrade, e Elogio da Distância, de Paul Celan), que segundo a estudante representa “uma carta sem remetente, que anseia para ser lida”.

Fotografia 6 - Poemas



Fonte: Acervo da Pesquisa

A maioria dessas 78 fotografias foi produzida em cores, contudo, verifica-se dez em preto e branco (P&B) em que algumas representam medo, luto e angústia. Kaplan (2013) chama esse tipo de representação de “socioafetiva”, ou seja, com sentimentos expressando a exclusão e a morte. Entre as imagens que acionam o P&B para representar perdas e luto, uma delas chama a atenção pela expressiva *performance* corporal em que a estudante está de joelhos e tem em suas mãos uma rosa e uma fotografia do seu avô que faleceu na pandemia (Fotografia 7). Em contraponto a essa associação direta do

P&B ao que é dramático, outras fotos descrevem segurança, felicidade e parceria, trazendo para a imagem irmãos e companheiros que são suportes diante dos desafios impostos pela pandemia.

Outros destaques individuais são curiosos. Por exemplo, naquilo que se refere ao sentimento da vida pré-pandemia em momentos de confraternização julgados como felizes de estar junto da família e dos amigos, situação que “parece perdida nos dias de hoje”, comenta uma das estudantes. Ela indaga de maneira reflexiva se a proximidade com o outro é o que mantém a qualidade ou veracidade das relações, evidenciando que talvez algumas de suas convivências, pelo distanciamento físico, deixaram de existir – o que é curioso, visto que alguns grupos de amigos mantiveram contato por videoconferência: “A pandemia de certa forma escancarou a liquidez e superficialidade de nossas relações” (C.R., mulher).¹²

Fotografia 7 - Luto



Fonte: Acervo da Pesquisa

Percebe-se que o cotidiano retratado e descrito passou algumas vezes por uma produção – *mise-en-scène* – da imagem ou do cenário. Algo bem comum quando produzimos uma fotografia de nossos momentos que desejamos tornar públicos. Para Martins (2008), a fotografia como “representação social” é desenvolvida a partir de uma “dramaturgia”. Ela é uma arte “posada” em que os sujeitos comparecem diante da câmera para representar a si mesmo para a sociedade e isso envolve relações e sujeitos: o fotógrafo, o fotografado e o observador da imagem, os quais comunicam seus vários sentidos subjetivos. Essa composição fotográfica, defende o autor, narra ou cria histórias que permitem novas significações e possibilidades para compreender as representações da vida cotidiana. As análises das imagens devem, portanto, aten-

tar aos vários modos de ver, sejam eles relacionados com a imaginação do fotógrafo ou a tradução singular de quem decodifica e traduz a imagem. Assim, decifrar o que se esconde por trás daquilo que vimos ainda é um desafio.

Conclusão

A pandemia de Covid-19 trouxe consequências sociais, econômicas, culturais e políticas negativas que afetam a saúde mental em tempos de confinamento e que se relacionam com o temor da própria infecção e o luto pela morte de familiares e amigos, com a acentuação das desigualdades relacionadas à educação, ao trabalho, entre outros fatores.

As estudantes/fotógrafas do curso de Pedagogia expressaram que o cotidiano das emoções e afetos vividos durante a pandemia foi múltiplo; não apenas incerteza e insegurança, mas também sentimentos positivos tiveram lugar no espaço-tempo cotidiano que precisou ser reorganizado.

As representações das emoções e afetos nas imagens e suas descrições produzidas pelas jovens estudantes demonstraram o misto de sensações que foi possível experimentar durante esse cotidiano da pandemia: alegrias, felicidades, prazeres, cuidado de si e com o outro, afetividades, motivações, afago espiritual, paz, força, contemplação, leveza, esperanças, saudade, oportunidade, delicadeza, assim como reflexões sobre a vida, ansiedade, tristezas, solidão, angústia, luto, medo da morte, preocupação, desespero, tensões.

Percebemos, assim, um exercício dessas jovens estudantes em viver o cotidiano da pandemia na busca dos encontros e afetos possíveis em cada situação vivida. O espaço doméstico foi imposto contingencialmente pelo isolamento social, para muitas, como o *locus* exclusivo dos relacionamentos e afazeres. Há uma tentativa expressa nas narrativas de experienciar a casa a partir de suas potências de afetos. Essa observação não busca romantizar a situação, a dureza e o luto diante das perdas que integram cada uma dessas histórias de vida, mas evidencia o que cada estudante selecionou para mostrar e, desse modo, narrar sua experiência pandêmica e também explicitar táticas criadas por elas para sobreviver aos tempos difíceis e projetar saídas, num momento ainda com pouca luz ou rota de saída anunciada.

A valorização, sob diversos aspectos, do espaço-tempo vivido durante o primeiro ano de isolamento social, presente na maioria das fotografias, aponta para o que era a vivência anterior à pandemia, muitas vezes descrita como um cotidiano – em que os momentos de estar em família, o comer à mesa, dar atenção aos animais de estimação – era uma realidade quase que inexistente. Lobo e

Machado (2019) chamam a atenção para uma percepção que contradiz a absolutização negativa do desastre: “Enxergar poesia no meio de tanto caos que vivemos, é uma questão de sobrevivência, trata-se de resistir”.

Esse olhar das jovens fotógrafas nos revela uma tensão entre a dimensão de isolamento, imposta pelo contexto, e a necessidade do encontro. Olhar para a experiência do cotidiano pandêmico explicitou dimensões de sociabilidade com pessoas da família, companheiros, amigos, plantas e animais. De forma geral, as fotografias desvelam emoções e afetos que se materializam quando partilhados entre mães, pais, filhos/as, namorados/as, sobrinhos/as, irmãos/ãs, avós/ôs e animais de estimação.

A maioria das fotografias busca registrar o outro, a partilha, o estar junto. Esse olhar singular para a experiência do cotidiano pandêmico explicitou a necessidade de dar nuances a um cotidiano que se tornou homogêneo, diante do isolamento social, e a consequente perda de heterogeneidade de relações de sociabilidade presentes nos movimentos de circulação pela cidade e de habitação de outros espaços-tempos de encontro, aí incluída a sala de aula e o *campus* universitário.

Referências

AGUILAR, Miguel; VILLAGRÁN, Paula (orgs.). **Cuerpos, espacios y emociones - aproximaciones desde las ciencias sociales**. Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2013.

CARRANO, Paulo. Pesquisa “Juventude e Cultura Visual: cotidianos revelados em fotografias de jovens estudantes” [dataset]. **Grupo de Pesquisa Observatório Jovem do Rio de Janeiro** – Universidade Federal Fluminense. Versão 10 jan. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRANJE, Susan; AMANDA, S. Morris. The impact of the COVID-19 pandemic on adolescent emotional, social, and academic adjustment. **Journal of Research of Adolescence**, v. 31, n. 3, p. 486-499, 2021.

CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda (orgs.). **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. (Edição do Kindle)

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

FORNARI, Lucimara *et al.* Violência doméstica con-

tra a mulher na pandemia: estratégias de enfrentamento divulgadas pelas mídias sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, p. e20200631, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0631>. Acesso em: 20 fev. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020**. Ano 14, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf> Acesso em: 20 fev. 2023.

JONES, E. A. K.; MITRA, A. K.; BHUIYAN, A. R. Impact of COVID-19 on mental health in adolescents: a systematic review. **International journal of environmental research and public health**, 2021, 18, 2470. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/18/5/2470> Acesso em 29 mar. 2023.

KAPLAN, Carina. Os jovens e os seus medos sociais: da morte e de serem excluídos. **Revista Teias**, v. 14, n. 32, p. 252-264, 2013. Acesso em: 20 fev. 2023.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural**. As molas de ação. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LOBO, Thamy; MACHADO, Marcelo F. Poesia onde não tem – Relatos docentes acerca de oficinas de fotografia realizadas com jovens. **Revista Periferia**, v. 11, n. 4, p. 176-198, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/download/43066/31685> Acesso em 05 jun. 2023.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MATTOS, Luiz. Explicadoras do Rio de Janeiro: encontros e desencontros em trajetórias profissionais singulares. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 88, n. 218, jan./abr., 2007.

MENEZES, Paulo. Representificação. As relações (im)possíveis entre cinema documental e conhecimento. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 51, fev. 2003.

SANTOS, Carlos Ferreira dos; VOGEL, Arno Nelson. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 3. ed. São Paulo: Projeto, 1985.

SILVA JUNIOR, F. J. G. et al. Impact of COVID-19 pandemic on mental health of young people and adults: a systematic review protocol of observational studies. **BMJ Open** 2020;10:e039426.doi:10.1136/bmjopen-2020-039426 Disponível em: <https://bmjopen.bmj.com/content/10/7/e039426> Acesso em: 29 mar 2023.

Notas

¹ A referida proposição, denominada “Meu Cotidiano em Fotos”, foi formulada como trabalho individual para estudantes do oitavo período do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense inscritos na disciplina Ciências Sociais: conteúdo e método. A atividade tem sido proposta de forma contínua para turmas dessa disciplina desde 2012 e faz parte da estratégia metodológica de estimular a reflexividade de estudantes que colocam em diálogo conceitos-chave da área de Ciências Sociais e suas próprias experiências. Durante a pandemia de Covid-19, a disciplina foi desenvolvida por meio de aulas remotas, mediadas por tecnologias digitais de informação e comunicação.

² Ainda que exista no conjunto analisado três estudantes homens, adotamos a referência ao gênero feminino posto que a quase totalidade das participantes são mulheres.

³ As palavras ou frases em aspas foram retiradas dos textos descritivo-analíticos produzidos pelas estudantes em conjunto com o ensaio fotográfico. As iniciais dos nomes das autoras das fotografias e textos serão utilizadas como forma de anonimização e preservação da identidade das participantes da pesquisa.

⁴ Produção textual de estudante. Pesquisa “Juventude e Cultura Visual: cotidianos revelados em fotografias de jovens estudantes” [dataset]. Versão 10 jan. 2021.

⁵ Diante da limitação de espaço, nem todas as fotografias analisadas serão inseridas neste artigo. O número “4” da citação refere-se ao número da fotografia no texto original do trabalho da estudante.

⁶ Produção textual de estudante. Pesquisa Juventude e Cultura Visual: cotidianos revelados em fotografias de jovens estudantes” [dataset]. Versão 10 jan. 2021.

⁷ O ofício de “explicadora” é comum em bairros periféricos e praticado dentro das próprias casas de educadoras, que recebem estudantes matriculados em diferentes séries e instituições escolares. Elas auxiliam tanto nas tarefas escolares quanto no ensino de disciplinas específicas. Luiz Mattos, em pesquisa sobre explicadoras no Rio de Janeiro, afirma que essas configuram “experiências exitosas” diante dos objetivos das famílias em uma década (1990) em que os discursos oficiais eram o de fracasso escolar e incompetência dos profissionais da educação (MATTOS, 2007).

⁸ *Homeschooling*, ou educação domiciliar em português, retira o dever do Estado de garantir educação como um direito humano e transfere a responsabilidade para a família.

⁹ Produção textual de estudante. Pesquisa “Juventude e Cultura Visual: cotidianos revelados em fotografias de jovens estudantes” [dataset]. Versão 10 jan. 2021.

¹⁰ Produção textual de estudante. Pesquisa “Juventude e Cultura Visual: cotidianos revelados em fotografias de jovens estudantes” [dataset]. Versão 10 jan. 2021.

¹¹ Produção textual de estudante. Pesquisa “Juventude e Cultura Visual: cotidianos revelados em fotografias de jovens estudantes” [dataset]. Versão 10 jan. 2021.

¹² Produção textual de estudante. Pesquisa “Juventude e Cultura Visual: cotidianos revelados em fotografias de jovens estudantes” [dataset]. Versão 10 jan. 2021.